

A ORALIDADE NA CONSTRUÇÃO HISTORIOGRÁFICA LOCAL: A CANTIGA DE ABOIO COMO VEÍCULO DE (RE) MEMORIZAÇÃO DOS “ENCOURADOS DE PEDRÃO”

Wellington de Souza Madureira¹

Resumo: A construção desse artigo tem como objetivo buscar nas narrativas orais dos cânticos de aboio, entoados pelos vaqueiros da cidade de Pedrão, na Bahia, indícios do movimento histórico denominado “Encourados de Pedrão”. Assim, intenta-se tecer reflexões sobre a importância das produções locais, por vezes fragmentadas, esquecidas ou silenciadas, mas, ao mesmo tempo, inscritas na memória, analisando os escritos que testemunham os modos de vida de grupos sociais.

Palavras-chave: Aboio. Vaqueiros. Memória. Passado histórico.

THE ORALITY IN CONSTRUCTION HISTORIOGRAPHICAL LOCAL: THE SONG OF ABOIO HOW TO VEHICLE OF (RE) MEMORISATION OF “ENCOURADOS DE PEDRÃO”

Abstract: The construction of this article aims at seeking, in the oral narratives of the “aboio” songs sung by cowboys from Pedrão city in Bahia State, evidence of the historical movement called “Encourados of Pedrão”. Thus, reflections are raised on the importance of local productions, sometimes fragmented, forgotten or silenced, but — at the same time — inscribed in memory, by analyzing the writings that bear witness to the ways of life of social groups.

Keywords: Aboio. Cowboys. Memory. Historical past.

¹ Formado em História. Mestrando em Crítica Cultural (UNEB, Campus II). E-mail: wsouzamadureira@uol.com.br.

Introdução

Através da oralidade, é que se preserva e compartilha saberes, costumes e tradições, sendo esta responsável pela identidade dos povos e pelas transferências de conteúdos intergeracionais. A prática narrativa se manifesta em um conhecimento que não é enciclopédico, tampouco temporal. A transmissão das características de uma cultura é, para Bosi (2004), um dinâmico ato de reelaboração, uma vez que se absorve e ressignifica um conhecimento, transformando-o.

Na poesia oral, deparamo-nos com narrativas e versos que estão intimamente ligados às origens históricas, culturais, assim como às circunstâncias sociais imediatas das comunidades, por onde ela circula. A dimensão simbólica das tradições orais perpassa o passado, o presente, o futuro e sustenta a estruturação do projeto social, lutando contra a efemeridade do saber e o apagamento da memória. A memória do sujeito carrega registros imagéticos e sonoros das experiências e lembranças, agrupadas ao longo do tempo, e que são produtos da vida privada destes sujeitos.

Assim, esta pesquisa tem como objetivo buscar nas narrativas dos cânticos de aboio, entoados pelos vaqueiros da cidade de Pedrão, Bahia, indícios do movimento histórico, denominado “Encourados de Pedrão”.

Os Encourados de Pedrão

Os “Encourados”, segundo os registros históricos, são compostos por 39 homens, vaqueiros, voluntários do município de Pedrão, que partem com o propósito de se juntarem às tropas do General Labatut na cidade de Cachoeira, seguindo para Salvador, para lutar contra os portugueses no processo de Independência da Bahia, em 1823.

A festa do Dois de Julho é uma das mais importantes festas cívicas de Salvador, pois ela celebra a expulsão dos

portugueses pelas tropas brasileiras, em 1823. Todos os anos, essa comemoração procura reproduzir a entrada das tropas vitoriosas brasileiras pelas ruas de Salvador, sendo feita uma série de homenagens aos combatentes.

No Dois de Julho, o “Batalhão dos Encourados” é representado por um grupo de vaqueiros que desfilam, trajando a mesma indumentária com que os “Encourados de Pedrão” lutaram na guerra de Independência da Bahia. A participação desse grupo de vaqueiros no desfile cívico do Dois de Julho é uma maneira de manter presente este acontecimento histórico na memória da população local pedronense e da população baiana.

É válido ressaltar que a história da humanidade e as práticas sociais de um povo sempre estiveram intrinsecamente marcadas e vinculadas à memória. Assim, a oralidade contribui para documentar o mundo, suas mensagens, suas experiências de vivências através das narrativas repetidas e mnemonicamente apreendidas. Para entendermos este processo, podemos analisar tal situação em seu sentido contrário, ou seja, analisar a relação história/memória, conforme Seixas (2001) “[...] a relação memória — história é mais uma relação de conflito e oposição do que de complementariedade, ao mesmo tempo — aqui se inscreve a novidade da crítica — em que coloca a história como senhora da memória, produtora de memórias”.

A memória permite uma leitura particular e própria sobre o assunto, e esta é a visão que, ao ser transmitida, carrega uma leitura própria, e pessoal, do fato. Cascudo (1971) ressalta a importância da memória, definindo-a como alicerce para a identidade regional. Segundo este autor, [...] a memória é a imaginação do povo, mantida e comunicável pela tradição, movimentando as culturas, convergidas para o uso através do tempo.

As cantigas de aboio como narrativas orais

Para situarmos nossa proposta de pesquisa, é necessário, primeiramente, conceituarmos a narrativa de aboio, através de alguns aportes teóricos; no segundo momento, procurarmos estabelecer relação entre o cântico de aboio e o processo de memorização do fato histórico, presente nas cantigas de aboio entoadas pelos vaqueiros pedronenses. O dicionário musical brasileiro, de Mário de Andrade (1982), conceitua o vocábulo “aboiar” como:

(V.l; S. m.) O marroeiro (vaqueiro), conduzindo o gado nas estradas, ou movendo-se com ele nas fazendas, tem por costume cantar. Entoa um arabesco, geralmente livre de forma estrófica, destituído de palavras: às mais das vezes, simples vocalizações, interceptadas quando senão por palavras interjectivas, *boi é boi, boiada*, etc. O ato de cantar assim chama de “aboiar”. Ao canto chama de “aboio”.

Cascudo (2006) classifica *o aboio* como um canto sem palavras, marcado exclusivamente em vogais, entoado pelos vaqueiros quando conduzem o gado. Não é divertimento, é um canto de trabalho. É coisa séria, velhíssima, respeitada. É, pois, devido ao seu caráter abrangente que a musica é transmitida através da via oral, cuja prática transforma o sujeito em agente da história (uma vez que se torna parte dela ao realizar o movimento de absorção, decodificação e reconstituição de saberes significados).

Assim, compreendemos que as *cantigas de aboio* se constituem numa forma particular de chamamento de animais pelos vaqueiros e como forma de manter o grupo de bois ajuntado, na condução de um lugar para outro. Essa prática é bastante peculiar na cultura brasileira, presente na zona rural e no interior do país. Os aboios se situam no contexto das práticas orais, como narrativas, que podem carregar elementos relativos à memória local.

Essas conexões só são pensáveis pelo grande valor que a oralidade representa como arquivo da memória e ferramenta no processo de legitimação do fato histórico. Muitas vezes — esta oralidade — é negligenciada por teorias que privilegiam os documentos escritos, ao crer que estes guardavam, de forma imparcial e imóvel, vestígios do passado tal qual este se deu. No caso das cantigas de aboio, a articulação entre dicção pura e simples de sons guturais — que remetem ao mugido do gado — e/ou a repetição de versos decorados-transformam o enunciante no sujeito mediador das relações entre expressão e memória.

Pode-se traçar — entre essas ocorrências — uma especial cadeia de movência das formas de discurso, orais (ZUMTHOR 1997), através dos textos em suas conexões com o contexto, enquanto expressão de um momento histórico. O aboio é aqui investigado nesta direção, apontada pela poética da oralidade e, em especial, pela particular ligação com as memórias, em relação a um determinado fato histórico pelos vaqueiros de Pedrão.

Na cantiga de aboio a seguir, entoada pelo vaqueiro conhecido na comunidade de Pedrão como Naldo do Boi², fica possível perceber essas conexões entre a memória e o fato histórico:

Sou um vaqueiro determinado
Já cumpri minha missão
Na pegada de boi sempre fui
Um campeão
Convocado para uma guerra
Defender nossa nação.

A luta pela independência

² Francinaldo Ferreira Marques, vaqueiro, participa do movimento dos “Encourados”, sendo morador da cidade de Pedrão — Bahia. A entrevista foi realizada em 20/08/2013, na sua residência, na cidade de Pedrão, Bahia.

Com muita disposição
Nossa comida no *alforje*
Com espingarda e facão
Liderados por um padre e
Os Encourados de Pedrão

Seguiram pra Cachoeira
Pra defender nossa nação
No dia Dois de Julho
Os filhos de Pedrão
Voltaram heroicamente
Sem derramar sangue no chão.

E todo ano os "Encourados"
Viajam para Salvador
Para abrir o desfile
Que faça frio ou calor
Mostrando para todos
Que vaqueiro tem valor

Pra falar de meu Pedrão
Uma coisa me cativa
Falar de um grupo considerado
Lenda viva
Esses vaqueiros não se cansam
Estão sempre na ativa

Tá escrito no passado quem
Conta a historia não mente
Ao morrer um vaqueiro
Nasce logo outra semente
Quarenta homens bem montados
Com um padre a sua frente

Assim segue a história
Com nossa gente
Festejando todo ano
Com aboios e repentes
Fazendo o que é bom

E eu acho descente

Naldo do Boi me chamando
Eu não reclamo
Ser guerreiro nacional
Não estava em meus planos
Representando minha Bahia
E o Pedrão que tanto amo

Observando a terceira estrofe “sem derramar sangue no chão”, questionei — ao vaqueiro Naldo — o que significava essa passagem na cantoria. Ele me respondeu: “os ‘Encourados’ não participaram da luta pela Independência da Bahia: pois, ao chegar à cidade de Salvador, as lutas já haviam terminado, recebendo a ordem para voltarem (tendo como recompensa o descanso de seus lares). Eles são heróis porque participaram”.

Assim, pergunto ao vaqueiro “em quais fontes” se baseiam essa passagem dos “Encourados” (uma vez que nos registros oficiais a que tive acesso não encontrei menção a esse fato). Ele me respondeu: “ouvi dos mais velhos”.

Acredita-se que todo ser humano tem capacidade de administrar e fazer julgamentos sobre os atos dos que estão na condição de administradores. Para Portelli (1996), não temos, pois, a certeza do fato, mas apenas a certeza do texto: o que nossas fontes dizem pode não haver sucedido verdadeiramente, mas está contado de modo verdadeiro.

Assim, a memória coletiva auxilia na construção da identidade local e também da cidadania. Ela permite compreender como o grupo se constitui e como funciona sua identidade. Trabalhar as memórias dos vaqueiros pedronenses, através dos cânticos de aboio, é uma importante empreitada para o pesquisador, pois a memória permite uma leitura particular e própria sobre o assunto, e esta é a visão que, ao ser transmitida, carrega uma leitura própria e pessoal do fato.

Na opinião de Naldo do Boi, como é conhecido na comunidade de Pedrão, o “cântico de aboio é uma forma de lembrar algumas coisas que aconteceram, que estão passando, servindo de inspiração para criação do verso”.

As lembranças guardam informações e imagens que dificilmente outra forma de registro o faz, pois sendo interpretação pessoal de um determinado fato, pode apresentar algumas lacunas ou acréscimos que dependerá do grau de envolvimento entre o acontecimento e quem o relembra. Contudo, é importante pensar como essas construções e discursos históricos foram apropriados e ressignificados pelos vaqueiros. Assim como sugere Burke (2006): a história de todas as culturas é a história de empréstimo cultural. Isto é: processo de assimilação e apropriação é essencial.

Perguntado como o fato histórico dos “Encourados” tem lugar na memória do vaqueiro, Naldo responde: “Os ‘Encourados’ representam para nós, como os soldados que foram lutar na guerra. Quando estou representando os ‘Encourados’ me sinto um soldado pronto para defender minha pátria”.

Através do diálogo com Naldo do Boi, percebemos que o fato histórico só marca presença na cantiga de aboio, quando todos os vaqueiros estão reunidos e vestidos com as roupas dos “Encourados”, por exemplo, nas comemorações cívicas locais ou estaduais. Assim, percebemos que cabe ao momento/situação servir de inspiração para construção dos versos presentes no cântico.

Por outro lado, cabe ao entoador direcionar a história presente nos versos, ou seja, cada cantiga tem seu traço particular, a partir da seleção das memórias subjetivas individuais de cada vaqueiro que entoar. Alberti (2004) afirma que as combinações entre o vivido e o concebido — presente nas fontes orais — remetem ao esforço obstinado e, ao mesmo tempo, impotente de refazer o percurso do vivido.

Para os vaqueiros as lembranças são soltas, cabendo às conexões entre o vivido e a inspiração, através dos estímulos externos, criar uma interpretação mais ampla. Assim, sem essa configuração, os versos presentes na cantiga ficam sem sentido. Bosi (1994) define esse exercício de reinterpretar as lembranças. Isto é, uma lembrança é um diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, ela seria uma imagem fugidia.

A metodologia, empregada para o desenvolvimento dessa pesquisa, foi da história oral por permitir uma maior aproximação com vários cotidianos. Por meio dela, temos uma maior abrangência temática: histórias de família, biografias, marginalizados sociais e outros. A análise das memórias dos “Encourados” — através dos cânticos de aboio, pelo viés da história oral — permitiu constatar a relevância da pesquisa, considerando que ela poderá abrir indagações e questionar certezas assumidas, anteriormente, sem a devida reflexão crítica. Desta forma, esta análise possibilita também uma aplicação dos modos de ler os textos, fazendo refletir a respeito do comprometimento ideológico que os mesmos revelam.

Estas memórias geralmente não estão monumentalizadas — e nem gravadas — em suportes concretos, como nas cantigas de aboios. Elas só se identificam quando conflitos sociais as evocam ou quando o pesquisador — que se utilizar da história oral — criam condições para que elas surjam e passem então a serem registradas, analisadas e possam fazer parte da memória coletiva. Para Le Goff (2003), descendem daqui diversas concepções recentes de memória, que põem a tônica nos aspectos de estruturação, nas atividades de auto-organização. Os fenômenos da memória, tanto nos seus aspectos biológicos, como nos psicológicos, não são mais do que os resultados de sistemas dinâmicos de organização, e apenas existem na medida em que a organização os mantenha ou os reconstitua.

Embora seja o aboio um canto de trabalho do vaqueiro, quando retirado do campo, ele assume outras faces. Os versos ora adquirem um tom de crítica social, ora de safadeza ou religiosidade. Como podemos perceber, o aboio está presente em manifestações festivas ou momentos de melancolia, apresentando uma variedade de temas, conforme o motivo que estimula o vaqueiro *aboiar*.

Considerações finais

Concluimos (com nosso breve estudo, que faz parte da pesquisa de Mestrado, através das primeiras impressões que tivemos, a partir do contato com os textos e os vaqueiros entrevistados) que — de fato — os aboios são um veículo importante no processo de (re)memorização dos vaqueiros, já que os cânticos estão presentes, tanto na labuta diária com gado, como de maneira informal nos encontros festivos, assim como nas vaquejadas ou cavalgadas.

Porém, essa relação *cantiga e fato histórico* só acontece a partir da contribuição de elementos externos que provocam inspiração no vaqueiro para que ele possa criar os versos com as respectivas conexões.

Assim, com a continuidade da pesquisa, procuraremos compreender como o fato histórico dos “Encourados” tem sentido para os sujeitos que os representam, os vaqueiros pedronenses, através das suas narrativas, ou seja, suas histórias de vida, seus *causos* e seus cânticos de aboio.

Referências

ALBERTI, Verena. *Ouvir contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ANDRADE, Mario de. *As melodias do boi e outras peças*. (Preparação de Oneyda Alvarenga) São Paulo: Duas cidades, Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1987.

BOSI, Ecléia. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 15. ed; São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BURKE, Peter. *Varietades de história cultural*. Trad. Alda Porto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CASCUDO, Luis da Câmara. *Vaqueiros e Cantadores*. Porto Alegre: Livros do Globo, 1939.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 5. ed. Campinas: Ed. UNICAMP, 2003.

PORTELLI, Alessandro. *Memória e diálogo: desafios da história oral para a ideologia do século XXI*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes [e outros] (Org.). *História oral: desafios para o século XXI*, Rio de Janeiro: Fiocruz: Casa de Oswaldo Cruz: CPDOC — Fundação Getúlio Vargas.

SEIXAS, Jacy A. Percursos de Memória em Terras de História: Problemáticas atuais. In: BRESCIANI, S. Naxara M. (Org.). *Memórias (res)sentimentos*. São Paulo: Editora Unicamp, 2001, p. 39.

ZUMTHOR, Paul. *Introdução à poesia oral*. Trad. Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat e Maria Inês de Almeida. São Paulo: Hucitec, 1997.